Mortalidade de Empresas no Brasil: Estatísticas Recentes e Segmentações

A mortalidade de empresas refere-se à proporção de negócios que fecham suas portas após certo tempo de atividade. No contexto de risco de crédito, entender quais perfis de empresas são mais propensos a encerrar atividades é crucial para modelar um Índice de Mortalidade de Empresas (IME Score). A seguir, apresentamos dados confiáveis e atualizados sobre a mortalidade de empresas no Brasil, segmentados por tempo de existência, faixa de faturamento, número de funcionários e setor (CNAE). As fontes privilegiadas incluem estudos do IBGE (Demografia das Empresas) e do Sebrae, complementados por informações de bases como RAIS/CAGED e bureaus de crédito (Quod, Neoway). Todos os dados citados são de órgãos oficiais ou pesquisas recentes, visando embasar um modelo de risco robusto. Em seguida, discutimos brevemente a aplicação desses dados na construção e manutenção do IME Score na política de crédito de consignado privado.

Mortalidade por Tempo de Constituição da Empresa

Negócios enfrentam seu período mais crítico nos primeiros anos após a fundação. As estatísticas mostram um forte efeito do tempo de mercado na taxa de sobrevivência das empresas:

Até 1 ano: cerca de 18,5% das empresas fecham em menos de um ano​

valor.globo.com

. Em outras palavras, aproximadamente 1 em cada 5 novas empresas não completa o primeiro ano de atividade.

Até 2 anos: aproximadamente 35% das empresas acumulam falência até o segundo ano​

downloads.fipe.org.br

. Isso significa que apenas cerca de 65% sobrevivem além de 2 anos de operação.

Até 5 anos: cerca de 60% das empresas acabam fechando em até cinco anos​

exame.com

​Ou visto do inverso, menos de 40% sobrevivem por 5 anos completos. Estudos do IBGE confirmam que apenas 37,9% das empresas nascidas em 2017 ainda estavam ativas em 2022​

exame.com

– i.e., quase 62% de mortalidade em cinco anos.

Até 10 anos: em torno de 75% das empresas encerram atividades em até dez anos. Somente cerca de 1 em cada 4 negócios chega à marca de 10 anos. Por exemplo, das empresas abertas em 2008, apenas 25,3% permaneciam ativas em 2018​

valor.globo.com

​

valor.globo.com

. Em outra análise, apenas 22,9% das fundadas em 2009 sobreviveram até 2019​

downloads.fipe.org.br

​

downloads.fipe.org.br

, reiterando que aproximadamente 3/4 das empresas morrem em uma década.

Esses dados evidenciam que a fragilidade do negócio é muito maior no início. A mortalidade é acentuada nos primeiros 2 anos e se mantém alta até o quinto ano de vida. Após o décimo ano, a base de empresas sobreviventes é bem menor, porém mais resiliente. Empresas com mais de 10 anos de existência apresentam risco anual de mortalidade significativamente menor – já “sobreviveram” ao período crítico inicial. Por exemplo, em 2022 a taxa anual geral de mortalidade de empresas foi de 9,2%​

exame.com

, refletindo principalmente o fechamento de negócios jovens; companhias maduras tendem a fechar em proporção bem menor a cada ano. De modo semelhante, estudos mostram que empresas maiores e estabelecidas têm custos de saída mais altos e resistem mais a encerrar atividades​

sebrae.com.br

​Em suma, quanto mais tempo a empresa já tem de mercado, maior sua chance de continuar ativa, fato a ser considerado no IME Score.

Mortalidade por Faixas de Faturamento

O porte financeiro da empresa – medido pelo faturamento anual – está diretamente relacionado à probabilidade de sobrevivência. Negócios de menor faturamento (micro e pequeno porte) tendem a enfrentar mais dificuldade para se manter, enquanto empresas maiores dispõem de mais recursos para atravessar crises. Dados recentes segmentados por faixas de faturamento (considerando os limites legais do Simples Nacional) mostram o seguinte panorama de mortalidade em 5 anos de atividade:

Microempreendedor Individual (MEI) – faturamento até ~R$ 81 mil/ano: cerca de 29% fecham em até 5 anos​

sebrae.com.br

. (Os MEIs, por serem empresas de uma pessoa só com estrutura mínima, apresentam a maior mortalidade entre os pequenos negócios).

Microempresa (ME) – faturamento até ~R$ 360 mil/ano (aprox. equivalente à faixa até R$ 400 mil mencionada): cerca de 21,6% fecham em até 5 anos​

sebrae.com.br

. Essa faixa possui mortalidade intermediária – menor que a dos MEIs, porém maior que a de empresas de porte pequeno.

Empresa de Pequeno Porte (EPP) – faturamento de R$ 360 mil até R$ 4,8 milhões/ano (abrangendo as faixas de R$ 400 mil a 1,5 milhão e R$ 1,5 a 4,8 milhões): aproximadamente 17% encerram atividades em 5 anos​

sebrae.com.br

. As EPPs exibem a menor taxa de mortalidade dentro do segmento de pequenos negócios, indicando que cerca de 83% sobrevivem além de cinco anos. Dentro dessa categoria, pode-se esperar que empresas mais próximas do limite inferior (até R$ 1,5M) tenham mortalidade um pouco maior que 17%, enquanto aquelas mais próximas de R$ 4,8M (quase médias empresas) tenham desempenho ligeiramente melhor – ainda assim, ambas as faixas estão próximas da média de 17% de mortalidade em 5 anos observada para EPPs.

Médias e grandes empresas – faturamento acima de R$ 4,8 milhões/ano: apresentam as taxas de mortalidade mais baixas. Embora estatísticas específicas de 5 anos papara essas faixas não estejam detalhadas nas fontes consultadas, estima-se que menos de 10% dessas empresas fechem em cinco anos​

sebrae.com.br

. Evidências corroboram sua resiliência no curto prazo – por exemplo, em 2 anos apenas ~2–3% das empresas médias e grandes encerram operações​

sebrae.com.br

. Essa maior longevidade decorre de estruturas mais robustas, capitalização e acesso a crédito, fatores que protegem negócios de maior porte​

sebrae.com.br

.

Em resumo, empresas de menor faturamento enfrentam mortalidade significativamente superior à de empresas de maior faturamento. Microempreendimentos têm pouca margem financeira para absorver prejuízos ou oscilações do mercado, resultando em altas taxas de fechamento nos primeiros anos. Já empresas com faturamento na casa de milhões tendem a dispor de capital de giro, acesso facilitado a crédito e melhores práticas de gestão, o que se reflete em mortalidade substancialmente menor no mesmo período​

sebrae.com.br

. Essa relação entre porte (faturamento) e risco deve ser incorporada ao IME Score – faturamentos baixos implicam pontuação de risco mais alta, enquanto faturamentos elevados indicam menor probabilidade de mortalidade.

Mortalidade por Número de Funcionários (Porte de Mão de Obra)

O número de funcionários é outro indicador clássico do porte empresarial, frequentemente correlacionado com faturamento e estrutura. Empresas menores (poucos ou nenhum empregado) têm fragilidades típicas de operação, enquanto organizações com muitos empregados já atingiram um patamar de consolidação. As taxas de mortalidade variam drasticamente conforme as faixas de pessoal ocupado:

Até 10 funcionários: Este grupo (microempresas em termos de pessoal) exibe as maiores taxas de mortalidade. Muitas empresas nessa categoria, especialmente as sem nenhum empregado formal além do dono, não conseguem se sustentar por muito tempo. De fato, entre empresas sem empregados contratados, apenas 35,5% sobrevivem após cinco anos – ou seja, cerca de 64,5% fecham dentro de 5 anos​

agenciadenoticias.ibge.gov.br

. Incluindo empresas com 1 a 9 empregados, a taxa de sobrevivência melhora um pouco, mas ainda menos da metade chega ao quinto ano de vida. Isso evidencia que microempresas de até 10 pessoas enfrentam mortalidade próxima a 50% nos primeiros cinco anos, confirmando sua alta vulnerabilidade.

De 11 a 30 funcionários: Nesta faixa de pequeno porte (pequenas empresas típicas), a mortalidade é moderadamente elevada, porém inferior à das microempresas. Não há um percentual único oficial publicado especificamente para 11–30 empregados, mas espera-se que cerca de 40%–45% das empresas desse porte fechem em até 5 anos (inferência baseada em dados de faixas próximas). De maneira geral, empresas que já empregam algumas dezenas de pessoas têm maior chance de sobrevivência do que microempresas, refletindo maior estruturação. (Por exemplo, empresas com pelo menos 10 funcionários têm ~67,5% de sobrevivência em 5 anos, quase o dobro da taxa das empresas sem empregados​

agenciadenoticias.ibge.gov.br

.) Logo, estima-se que negócios na faixa de 11–30 funcionários tenham uma taxa de sobrevivência intermediária, possivelmente na casa de 50–60% em cinco anos (mortalidade em torno de 40–50%).

De 31 a 100 funcionários: Aqui entram empresas de médio porte, cuja mortalidade é bem menor que a das pequenas. À medida que o número de empregados cresce, a empresa costuma já ter mercado estabelecido e processos mais sólidos. Empresas entre 31 e 100 colaboradores aproximam-se do perfil de médias/grandes, devendo apresentar taxas de sobrevivência acima de 60% em 5 anos, ou mortalidade inferior a ~40%. Embora não haja um dado exato divulgado para essa faixa, a tendência observada é de significativa melhora na longevidade empresarial conforme o porte aumenta.

Acima de 100 funcionários: As empresas de grande porte (porte típico de multinacionais ou líderes setoriais) exibem as menores taxas de mortalidade. Uma vez estabelecidas nesse patamar, raramente fecham nos primeiros anos de operação. Estudos mostram que a mortalidade em 2 anos de empresas de grande porte é de apenas 2–3%​

sebrae.com.br

– praticamente 97–98% de sobrevivência bianual, comparado a ~55% de sobrevivência para microempresas no mesmo período​

sebrae.com.br

. Em 5 anos, espera-se que a vasta maioria (talvez >80%) das grandes empresas continue operando. Muitas vezes, menos de 1/3 das empresas com 10 ou mais pessoas encerram atividades em cinco anos, e para as muito grandes essa proporção provavelmente se reduz a algo próximo de 1/5 ou menos​

agenciadenoticias.ibge.gov.br

. Grande porte implica maior capital investido, marca consolidada e custos de saída elevados, fatores que desencorajam o fechamento precoce e contribuem para a longevidade dessas organizações​

sebrae.com.br

​

sebrae.com.br

.

Em resumo, o risco de mortalidade decresce consistentemente conforme aumenta o número de funcionários. Negócios sem empregados ou com equipe muito enxuta têm alta taxa de fracasso (dificuldade de superar a ausência do dono, falta de capital humano especializado, etc.), enquanto empresas com dezenas ou centenas de funcionários já superaram muitas barreiras iniciais e gozam de estabilidade muito maior. No IME Score, portanto, empresas com quadro de funcionários reduzido devem receber pontuação de risco mais alta, ao passo que empresas com muitos empregados (indicativo de sucesso e escala) recebem pontuação de risco menor.

Mortalidade por Setor de Atuação (CNAE)

O ramo de atividade econômica é um fator determinante na probabilidade de uma empresa prosperar ou fechar. Alguns setores apresentam ambientes mais competitivos ou instáveis, levando a taxas de mortalidade maiores, enquanto outros têm barreiras de entrada mais altas ou demandas constantes, favorecendo a sobrevivência. Seguem dados de mortalidade (fechamentos) em até 5 anos, por setor CNAE ou grupo de setores, destacando os extremos e médias relevantes:

Comércio (comércio varejista e atacadista, incluindo reparação de veículos): apresenta a maior taxa de mortalidade setorial. Cerca de 30,2% das empresas comerciais fecham em até 5 anos​

portal.unisepe.com.br

. Este dado reflete a alta concorrência e saturação no setor de comércio, onde muitos entram no mercado mas boa parte não consegue se sustentar. De fato, o comércio lidera tanto o número de nascimentos quanto o de mortes de empresas no país​

exame.com

​exame.com

.

Indústria de Transformação (manufatura): cerca de 27,3% das empresas industriais de transformação encerram em 5 anos​

portal.unisepe.com.br

. A mortalidade industrial é ligeiramente menor que a do comércio, mas ainda elevada (próxima de 1 em 4 empresas fechando em cinco anos). Setores industriais enfrentam desafios de capital e tecnologia, porém contam com barreiras de entrada um pouco maiores que o varejo, o que resulta em mortalidade um pouco mais baixa.

Serviços (setor de serviços em geral, excluindo financeiro e administração pública): aproximadamente 26,6% das empresas de serviços fecham em até 5 anos​

portal.unisepe.com.br

. O amplo setor de serviços abrange atividades diversas; segmentos de serviços de baixo valor agregado ou não especializados tendem a puxar essa taxa para cima​

exame.com

​

exame.com

. Por exemplo, serviços como alimentação, pequenos negócios pessoais e outros serviços simples apresentam dinâmica semelhante ao comércio (muitas entradas e saídas). Já serviços mais especializados ou de alto custo de entrada (consultorias técnicas, TI empresarial, etc.) costumam ter sobrevivência maior, mas na média o setor terciário registra mortalidade próxima à do setor industrial.

Construção Civil: embora não haja um percentual exato citado nas fontes acima, o setor de construção historicamente tem mortalidade relativamente alta, associada a ciclos econômicos e projetos de prazo determinado. Estudos anteriores do Sebrae mostraram taxas de sobrevivência variando de 49% a 86% em 5 anos dependendo do segmento específico da construção (por exemplo, construção de edifícios vs. serviços especializados de acabamento)​

sebrae.com.br

. De maneira agregada, espera-se que a mortalidade em 5 anos da construção esteja na faixa dos 20–25%, semelhante à média de serviços. (A construção não atingiu os extremos de maior ou menor mortalidade, por isso não figura entre os destaques de cima.)

Indústria Extrativa (mineração, petróleo, etc.): registra a menor taxa de mortalidade entre os setores – apenas 14,3% das empresas extrativas fecham em 5 anos​

sebrae.com.br

. Esse setor envolve grande escala de investimento e barreiras de entrada altíssimas, resultando em poucos entrantes e saídas raras. Empresas em extracção de recursos naturais tendem a ter ciclos de vida longos e menor rotatividade.

Os dados acima mostram um intervalo significativo de mortalidade setorial (de ~14% até 30% em 5 anos). Setores de comércio e serviços simples lideram em risco, enquanto setores industriais de base, infraestrutura e recursos naturais têm riscos menores. Importante notar que mesmo dentro de um grande setor (como “serviços”) há variações – por exemplo, saúde e educação privadas costumam ter mortalidade menor que serviços de alimentação ou hospedagem. Segundo o Sebrae, “a maior taxa de mortalidade é verificada no comércio... e a menor na indústria extrativa”​

sebrae.com.br

, confirmando os extremos listados. Adicionalmente, crises econômicas podem afetar setores de forma diferente: durante a pandemia de 2020, por exemplo, setores de alimentação fora do lar e turismo (dentro de serviços) sofreram picos de mortalidade, enquanto outros setores como tecnologia da informação até expandiram. No IME Score, o CNAE da empresa deve ser considerado como um fator de risco, atribuindo pontuação maior a ramos conhecidos por alta mortalidade (comércio varejista, alojamento/alimentação, construção, etc.​

portal.unisepe.com.br

) e pontuação menor a ramos mais resilientes (agronegócio, utilities, extrativo, saúde, etc.). Essa segmentação setorial ajuda a capturar riscos específicos não explicados apenas pelo porte da empresa.

Considerações para Implementação do IME Score (Manutenção e Escala)

A partir das estatísticas acima, é possível construir um modelo de pontuação de risco de mortalidade (IME Score) para cada empresa, alimentando a política de crédito do consignado privado. Para que esse modelo seja efetivo e utilizável em larga escala, alguns aspectos técnicos e operacionais devem ser considerados:

Fontes de Dados Automatizadas: Os dados-chave – idade da empresa, faixa de faturamento, número de funcionários e setor (CNAE) – podem ser obtidos de fontes oficiais de forma automatizada e atualizada. Por exemplo, a Receita Federal (Cadastros do CNPJ) fornece a data de abertura e situação cadastral da empresa (ativa ou baixada), permitindo inferir idade e detectar encerramentos. A RAIS/CAGED fornece anualmente/mensalmente o número de empregados. A classificação CNAE e o regime de faturamento (Simples Nacional, etc.) também estão disponíveis via bases da RFB ou juntas comerciais. Integrar essas fontes garante que o IME Score esteja sempre usando informações atualizadas sobre cada cliente empresarial.

Integração com Bureaus (Quod, Neoway): Já que a base da empresa possui integração com bureaus como Quod e Neoway, esses podem ser valiosos complementos. Essas empresas de inteligência de dados consolidam informações de múltiplas origens e podem sinalizar eventos de risco em tempo quase real. Por exemplo, se uma empresa deixou de pagar obrigações (indicadores de inadimplência) ou entrou em processo de falência, os bureaus capturam esses sinais antes mesmo de um fechamento oficial – enriquecendo o IME Score. Além disso, Neoway mantém bases de empresas com indicadores de saúde do negócio, e o Quod (com seu Cadastro Positivo e registros de crédito) pode fornecer scores de crédito e histórico de pagamentos de empresas​

quod.com.br

. Essas variáveis podem ser incorporadas ao modelo para aumentar seu poder preditivo, desde que sejam atualizadas regularmente. Importante: a integração já existente facilita escalar o cálculo do IME Score, pois os dados necessários já estão na base ou podem ser consultados via API dos bureaus, sem exigir coleta manual.

Manutenção e Atualização Periódica: O modelo de risco deve ser revisitado periodicamente para incorporar mudanças no ambiente de negócios. Recomenda-se uma atualização anual dos parâmetros, alinhada às publicações de novas estatísticas do IBGE, Sebrae e demais órgãos. Por exemplo, se a taxa de mortalidade de determinado setor aumentar devido a mudanças econômicas, o peso do CNAE no IME Score pode precisar de ajuste. Da mesma forma, choques externos (pandemias, recessões) podem alterar temporariamente as taxas de sobrevivência – nesses casos, políticas de crédito devem ser recalibradas juntamente com o IME Score. A viabilidade técnica de manutenção é favorecida pelo fato de o modelo usar variáveis estáveis e de fácil obtenção (idade, porte, setor), então atualizar coeficientes ou regras com novos percentuais é um processo simples uma vez que a infraestrutura de dados está montada.

Escalabilidade e Aplicabilidade: O IME Score pode ser calculado para toda a base de empresas clientes de forma automatizada e rápida. Como envolve basicamente leitura de atributos já estruturados (por ex.: anos de existência, faixa de faturamento declarada, número de funcionários atual, código CNAE) e aplicação de uma fórmula ou regras de pontuação, o cálculo é escalável para milhares de empresas simultaneamente. A implementação pode ser feita dentro do próprio banco de dados (via procedures) ou em sistemas de decision engine que a empresa use para crédito. Além disso, o score pode ser exportado para as plataformas de análise de crédito e incorporado às políticas: por exemplo, definir corte de score mínimo para aprovação, ou limites de crédito menores para empresas com alto risco de mortalidade. Tudo isso pode rodar em lote periódico (e.g. score mensal) ou em tempo real na originação de uma nova operação de crédito. A aplicabilidade em escala já é realidade, pois muitas instituições utilizam scoressemelhantes (como scores de crédito PJ) e atualizam-nos constantemente; o IME Score seria um novo componente focado especificamente no risco de continuidade do negócio.

Em conclusão, as estatísticas atuais indicam claramente que empresa jovem, de pequeno porte e atuando em setores competitivos possui risco muito superior de mortalidade comparada a uma empresa veterana, grande e de setor consolidado. Essas informações, obtidas de fontes como Sebrae, IBGE, RAIS/CAGED e bureaus, fornecem embasamento sólido para construir o IME Score. Uma vez implementado, o modelo deve ser mantido atualizado e monitorado, garantindo viabilidade técnica (dados acessíveis), atualização periódica (refinamento anual com novas pesquisas) e escalabilidade (cálculo automatizado para toda a carteira). Com o IME Score integrado à política de crédito, a empresa poderá antecipar o risco de fechamento dos clientes empresariais e ajustar suas decisões de crédito de forma proativa, aumentando a segurança das operações de consignado privado. Fontes: Dados compilados de estudos do Sebrae​

sebrae.com.br